



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS
LITERATURAS**

ERICA NUNES DOS SANTOS

**OS DISCURSOS SOBRE O SILENCIAMENTO DA MULHER NA POLÍTICA
A PARTIR DE POSTAGENS DO *INSTAGRAM***

PATU-RN

2022

ERICA NUNES DOS SANTOS

**OS DISCURSOS SOBRE O SILENCIAMENTO DA MULHER NA POLÍTICA
A PARTIR DE POSTAGENS DO *INSTAGRAM***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Luciana Fernandes Nery

PATU
2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S237d Santos, Erica Nunes dos
Os discursos sobre o silenciamento da mulher na política a partir de postagens do Instagram. / Erica Nunes dos Santos. - Patu, 2022.
38p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mulher na política. 2. Silenciamento. 3. Instagram. 4. Discurso midiático. I. Nery, Luciana Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ERICA NUNES DOS SANTOS

**OS DISCURSOS SOBRE O SILENCIAMENTO DA MULHER NA POLÍTICA
A PARTIR DE POSTAGENS DO *INSTAGRAM***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Aprovado em: 21 de setembro de 2022.

Banca Examinadora

Luciana Fernandes Nery

Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Andréia A. da Nóbrega

Profa. Ma. Andréia Araújo da Nóbrega- Examinadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Thâmara Soares de Moura

Profa. Dnda. Thâmara Soares de Moura– Examinadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Aos meus pais, que estiveram comigo em todos os momentos da minha formação.
Aos meus avós maternos (*In memoriam*), pelos os afetos durante a minha infância.

RESUMO

O presente estudo buscou investigar como se constituem os discursos sobre o silenciamento da mulher na política em postagens do *Instagram*. O interesse por esta pesquisa surge a partir da recorrência de casos de violência política de gênero no país. Assim, considerando o atual quadro político do país, no qual as mulheres são minorias em espaços de poder e ainda as notícias que circulam nos dispositivos midiáticos em que, comumente, são mostradas as diferentes formas de opressão e dominação feminina, torna-se necessário analisar as causas que levam as mulheres a ocuparem menos espaço no poder público, sobretudo, como ocorre um silenciamento das que já chegaram a estes cargos. Mediante isto, analisamos os discursos que trazem à tona o silenciamento da mulher na política em 06 (seis) postagens no *Instagram* nos perfis *@campanhademulher* e *@paraibafeminina*. Em seguida, observamos como os discursos machistas influenciam no silenciamento da mulher na política. Por último, analisamos também como a rede social *Instagram* atua como dispositivo de denúncia da violência política de gênero. Nossa pesquisa é qualitativa, de cunho exploratória, pois buscamos interpretar e compreender o objeto de estudo, por meio da análise dos dados. Tem-se como base teórica os estudos discursivos Foucaultianos (2008, 2014, 2017) Deleuze (1996) e Gregolin (2003). Para tratar sobre o silenciamento da mulher e a masculinidade tóxica nos baseamos em Perrot (2005, 2017), Beauvoir (2009), Navarro (2021) e Welzer-Lang (2001), dentre outros. Assim, os dados analisados mostraram as condições de desigualdade entre os homens e as mulheres no campo da política, evidenciando que não há um acolhimento e um reconhecimento simbólico-sociocultural dessas mulheres. Portanto, para que haja uma sociedade mais justa e igualitária, se faz necessário modificar as bases estruturais que a fundamenta. Nesse sentido, a mídia digital *Instagram*, tem contribuído bastante, uma vez que por meio das postagens e dos discursos que surgem relacionados a temática, promovem visibilidade e ainda, atuam como agentes denunciadores da violência de gênero na política.

Palavras- chave: Mulher na política; Silenciamento; *Instagram*; Discurso midiático.

ABSTRACT

The present study sought to investigate how the discourses about the silencing of women in politics in Instagram posts are constituted. The interest in this research arises from the recurrence of cases of gender political violence in the country. Thus, considering the current political framework of the country, in which women are minorities in spaces of power and also the news circulating in media devices in which, commonly, the different forms of oppression and female domination are shown, it is necessary to analyze the causes that lead women to occupy less space in public power, above all, how there is a silencing of those who have already come to these positions. Through this, we analyze the discourses that bring up the silencing of women in politics in six (06) *Instagram* posts on profiles *@campanhademulher* and *@paraibafeminina*. Next, we observe how sexist discourses influence the silencing of women in politics. Finally, we also look at how the social network *Instagram* acts as a device for denouncing gender political violence. Our research is qualitative, exploratory in nature, because we seek to interpret and understand the object of study, through data analysis. The theoretical basis is foucaultian discursive studies (2008, 2014, 2017) Deleuze (1996) and Gregolin (2003). To deal with women's silencing and toxic masculinity we based on Perrot (2005, 2017), Beauvoir (2009), Navarro (2021) and Welzer-Lang (2001), among others. Thus, the data analyzed showed the conditions of inequality between men and women in the field of politics, evidencing that there is no welcoming and symbolic-sociocultural recognition of these women. Therefore, in order to act in a more just and egalitarian society, it is necessary to modify the structural bases that underpin it. In this sense, the digital media *Instagram* has contributed a lot, since through the posts and discourses that appear related to the theme, promote visibility and also act as denouncing agents of gender violence in politics.

Key words: Woman in politics; silencing; *Instagram*; Media discourse.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças e por tornar meus sonhos possíveis. Por me encorajar do início ao fim desse processo formativo, sobretudo, diante dos momentos de dificuldade. Agradeço pelas coisas não explicáveis.

Aos meus pais, Francisco e Maria, por serem exemplos de bondade e honestidade, por me incentivarem a estudar e a não desistir dos meus sonhos.

Aos meus irmãos: Eduardo, Erinaldo, Eriberto (*in memoriam*) e Eliane. Por todo apoio e momentos leves.

À minha amiga-irmã, Heloísa, pela amizade e parceira na pesquisa. Agradeço, por todos os momentos compartilhados ao longo desses quatro anos, pelas manhãs, tardes, noites e madrugadas de estudo. Nada que eu disser poderá descrever o carinho que tenho por você.

Aos amigos e ex-colegas de estudo, Matheus e Silvana, pelos momentos compartilhados durante o início do curso. Sempre lembrarei do nosso quarteto. Agradeço também a amiga Ritinha da Xerox, por aguentar nossos “abusos” de manhã logo cedo. Saibam que vocês são especiais.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, especialmente, ao CAP/UERN, por promover um ensino de qualidade. Agradeço às professoras do Departamento de Letras por todos os ensinamentos e contribuições ao longo do curso. Em especial, a professora Lailsa, pelos estudos literários e feministas. Agradeço também a todos os funcionários do CAP/UERN que sempre foram atenciosos.

Aos programas formativos: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pela experiência docente nos primeiros semestres do curso; Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pela pesquisa científica e ao Residência Pedagógica (RESPED), pela prática do ensino. A oportunidade de participar dos referidos programas foi primordial para minha formação enquanto aluna do curso de Letras.

Aos colegas de orientação Heloísa, Sara e Willian, pelas trocas de saberes e partilhas das angústias e felicidades. Desejo que realizem mais sonhos.

À minha orientadora, profa. Luciana Fernandes Nery, pelos ensinamentos e por toda paciência. Obrigada por suas valiosas orientações, pelas leituras e discussões. Suas sugestões foram essenciais para o desenvolver desta pesquisa.

À minha banca examinadora, composta pela Profa. Ma. Andréia Araújo da Nóbrega e pela Profa. Dnda. Thâmara Soares de Moura, por aceitarem o convite de participar desse momento ímpar em minha vida, por se dedicarem a leitura do meu trabalho monográfico e por todas as contribuições.

A todos os familiares e amigos que torceram por mim ao longo dessa trajetória e que contribuíram diretamente ou indiretamente para minha formação, meus sinceros agradecimentos.

“As rosas da resistência nascem do asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando do nosso lugar de existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas.” (Marielle Franco, em 08/03/2018, durante um pronunciamento sobre o Dia Internacional da Mulher)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O assédio tá ON.....	26
Figura 2: O assédio é sobre o poder.....	28
Figura 3: A mulher, mãe e feminista.....	30
Figura 4: A ameaça aos filhos.....	31
Figura 5: Na mira do ódio.....	33
Figura 6: Representatividade é sobrevivência.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DISCURSO, MÍDIA E POLÍTICA	16
2.1 Estudos teóricos da Análise do Discurso: reflexões introdutórias acerca dos Estudos Discursivos Foucaultianos.....	16
2.2 O discurso, a noção de arquivo e o dispositivo midiático	18
2.3 A masculinidade tóxica e o espaço da mulher na sociedade	20
3 A MÍDIA DIGITAL <i>INSTAGRAM</i> E A CONJUNTURA DA MULHER NA POLÍTICA	24
3.1 A mulher é antes de tudo um corpo: o silenciamento da voz feminina por meio do assédio sexual na política institucional.....	25
3.2 Da política à maternidade: as mulheres na mira do ódio	29
3.3 O <i>Instagram</i> como dispositivo de denúncia da violência política de gênero.....	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo acreditou-se que a figura feminina não se interessava por política. Com isso, surge a narrativa de que “mulher não vota em mulher”, já que, conforme estatísticas do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em 2022, mais da metade do eleitorado brasileiro é composto pelo público feminino. Entretanto, o que pouco se comenta é o fato do Brasil ser um dos países com o menor número de parlamentares do sexo feminino, indicando um retrocesso em relação a outros países. Cabe ressaltar que essa discrepância ocorre não por falta de interesse ou competência, mas por razões que estão diretamente ligadas a um machismo estrutural¹ instaurado na sociedade. A voz, quase que evanescente, dessas mulheres nas bancadas políticas é um alvo constante de violência política de gênero no país.

Na atualidade, a fala do sujeito feminino sofre os efeitos do silenciamento que assolam a vida das mulheres desde a sua gênese e que se perduraram ao longo dos séculos. Sendo assim, pensar em fala feminina e fala pública implica dizer que se trata de uma voz de segunda ordem, uma vez que, socialmente e historicamente o direito à fala foi/é, na maioria das vezes, concebido somente aos homens. Nesse sentido, considerando o atual quadro político do país no qual as mulheres são minorias em espaços de poder e ainda as notícias que circulam nos dispositivos midiáticos em que, comumente, são mostradas as diferentes formas de opressão e dominação feminina tem sido bastante recorrente a propagação de postagens na rede social *Instagram* de caráter denunciativo, que trazem à tona os discursos sobre o silenciamento da fala feminina na política.

Dessa maneira, se faz necessário investigar as causas que levam as mulheres a ocuparem menos postos na política institucional e, principalmente, como ocorre um silenciamento das que já chegaram a estes cargos. Assim, apoderando-se das teóricas da Análise do Discurso (AD), mais precisamente do pensamento

¹ O Machismo Estrutural é uma cultura que valoriza e enaltece a figura do homem, a partir da inferiorização da mulher. Fundamentado em preceitos patriarcais, sua prática contribui para a propagação da misoginia e várias formas de opressão e violência de gênero. Informações obtidas através do site: <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

foucaultiano, surgem as seguintes questões de pesquisa: i) Como se apresentam os discursos sobre o silenciamento da mulher na política em postagens do *Instagram*? ii) De que modo os discursos machistas interferem na relação que as mulheres estabelecem com a política? e iii) De que maneira os discursos sobre o silenciamento das mulheres na política operam como estratégias de denúncia no *Instagram*?

Diante dos questionamentos elencados, temos como objetivo geral: investigar como se constituem os discursos sobre o silenciamento da mulher na política em postagens do *Instagram*. Como objetivos específicos: a) Mapear os discursos relacionados ao silenciamento da mulher na política que circulam em postagens do *Instagram*; b) Identificar como os discursos machistas se manifestam em postagens do *Instagram* e influenciam no silenciamento da mulher na política; c) Analisar como os discursos que se propagam em postagens *Instagram* operam como dispositivo denunciatório de uma violência política de gênero.

A participação desigual feminina no espaço do poder público está ligada a diversas razões, sejam elas históricas, sociais ou ainda a um sistema patriarcal que impõe às mulheres pensamentos normativos que condicionam e regulam o seu comportamento. Assim, na política institucional, as mulheres correspondem a uma minoria, se comparado com o número de parlamentares homens. Além de se tratar de um espaço majoritariamente masculino, há uma resistência em relação à aceitação do público feminino.

Para realização deste estudo, elegemos como *corpus* de pesquisa postagens do *Instagram* que trazem à tona discursos relacionados a uma violência política de gênero. Assim, considerando os últimos acontecimentos que viralizaram nas redes sociais nos anos de 2020, 2021 e 2022, que denunciam as situações em que as mulheres foram acometidas e considerando também que nos últimos anos o *Instagram* tem sido um espaço de troca de informações e frequentes discussões acerca dos mais variadas temas, selecionamos os perfis *@campanhademulher* e *@paraibafeminina*. Em sua totalidade, utilizamos 6 (seis) postagens, dentre elas, 1 (uma) corresponde a uma captura de tela, referente a um vídeo, publicado neste último perfil mencionado.

Compreender que lugar a mulher tem ocupado na política e a recorrência de casos de violência política de gênero no país torna-se essencial em estudos e pesquisas acadêmicas. Outra razão para a escolha da temática foi a participação em

grupos de estudos, sobretudo no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em que discutimos sobre os estudos feministas.

Diante disso, o presente estudo justifica-se por abordar uma temática pertinente sobre a qual acreditamos que possa contribuir não apenas para o espaço acadêmico, tendo em vista que ainda é pouco explorada pelo viés dos Estudos Discursivos Foucaultianos, mas também para o coletivo, visto que os discursos resultam de acontecimentos sociais. Além disso, no que se refere às pesquisas acadêmicas, as produções científicas encontradas tratam a questão de modo geral. Em nível de graduação destacamos os trabalhos de Leal (2022)² do Centro Universitário Ritter dos Reis – Faculdade de Comunicação Social, do curso de Jornalismo, que trata sobre a violência de gênero na política, especificamente, durante a campanha eleitoral da candidata Manuela D’Ávila; Veras (2013)³ do curso de Direito do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), que realizou uma análise sobre a efetivação da cota de gênero previsto por lei a partir de uma abordagem que traz a representatividade feminina na política brasileira.

Ainda na temática “Mulher e Política”, em nível de pós-graduação, temos Silva (2013)⁴ da PUC-SP, que em sua tese abordou questões de representatividade, gênero e violência. Além dessas pesquisas citadas, destacamos os estudos recentes de Braga (2021)⁵, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que na linha de pesquisa dos Estudos Discursivos Foucaultianos vem desenvolvendo trabalhos que abordam a fala pública feminina.

De acordo com os objetivos elencados, nossa pesquisa é exploratória, pois tem o intuito de “proporcionar maiores informações sobre o assunto que vai ser investigado” (PRESTES, 2008, p. 26). Quando a natureza dos dados, trata-se de uma abordagem qualitativa, tendo em vista que buscamos interpretar e compreender

² Leal, Tyane. **Violência de gênero na política**: uma análise da repercussão nos portais GZH e UOL dos ataques sofridos por Manuela d’Ávila na campanha eleitoral de 2020. Monografia – Centro Universitário Ritter dos Reis – Faculdade de Comunicação Social, Porto Alegre, 2022.

³ VERAS, Gabriella Galdino. **A representação feminina na política brasileira**: análise sobre a efetividade da cota de gênero prevista na Lei 9.504/97. Monografia – Centro Universitário de Brasília (uniceub), Brasília, 2013.

⁴ SILVA, Luciana Soares da. **A Mulher na política**: representação, gênero e violência no discurso jornalístico. Tese de doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2013.

⁵ BRAGA, Amanda; PIOVEZANI, Carlos. Discursos sobre a fala feminina no Brasil contemporâneo. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 1, p. 1-19, 6 jan. 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1694Acesso>. Acesso em: 20 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1694>.

o objeto de estudo por meio da análise. Temos como base teórica as contribuições de Foucault (2008, 2014, 2017), Deleuze (1996) e Gregolin (2003) para compreendermos as especificidades do discurso e seu movimento na sociedade, bem como a complexidade que o permeia; Perrot (2005, 2017) e Beauvoir (2009) para adentrarmos na temática sobre o silenciamento da mulher e Beauvoir (2009), Navarro (2021) e Welzer-Lang (2001) para tratar sobre a masculinidade tóxica.

O presente trabalho monográfico organiza-se em três capítulos. O primeiro corresponde a *Introdução*. O capítulo II “*Discurso, Mídia e Política*”, apresenta reflexões acerca dos estudos teóricos da Análise do Discurso, com ênfase, nos Estudos Discursivos Foucaultianos. Em seguida, procedemos com os conceitos de discurso, a noção de arquivo e o dispositivo midiático. Por último, tratamos sobre a masculinidade tóxica e o espaço que a mulher ocupa na sociedade. Neste subtópico, enfatizamos a respeito das condições desiguais de gênero na sociedade.

No capítulo III “*A Mídia Digital Instagram e a Conjuntura da Mulher na Política*”, apresentamos a análise dos dados por meio das seguintes regularidades discursivas: a) A mulher é antes de tudo um corpo: o silenciamento da voz feminina por meio do assédio sexual na política institucional; b) Da política à maternidade: as mulheres na mira do ódio; c) O *Instagram* como dispositivo de denúncia da violência política de gênero. Por fim, temos as nossas considerações finais.

Diante disso, é pertinente ressaltar que a presente pesquisa pode contribuir para futuras investigações tanto para os estudos da Análise do Discurso como no que refere a condição feminina, sobretudo, na política institucional brasileira. Com isso, espera-se que este trabalho possa contribuir também para uma reflexão acerca das causas que levam as mulheres a serem vítimas de violência política de gênero, bastante recorrente na sociedade.

2 DISCURSO, MÍDIA E POLÍTICA

Na atualidade, os discursos propagados pelas mídias digitais surgem e se disseminam de forma rápida devido ao avanço digital e tecnológico que a sociedade vivencia. Diante disso, neste capítulo tratamos dos estudos relacionados ao discurso, bem como sobre os principais conceitos que nortearam a análise dessa pesquisa. Assim, a seguir apresentamos um breve histórico da Análise do Discurso de linha francesa. Em seguida, adentramos na perspectiva Foucaultiana e suas contribuições para os estudos da linguagem por meio das “três fases” de Michel Foucault. Em continuidade, discorreremos sobre os conceitos de discurso, a noção de arquivo e de dispositivo midiático. Por fim, percorreremos por algumas questões que estão diretamente ou indiretamente ligadas à opressão e à subalternização do sujeito feminino na sociedade. Para isso, tratamos acerca da masculinidade tóxica e com ela pode influenciar na violência política de gênero.

2.1 Estudos teóricos da Análise do Discurso: reflexões introdutórias acerca dos Estudos Discursivos Foucaultianos

A década de 1960 foi marcada por inúmeras mudanças, sobretudo, na França, berço das principais revoluções. Neste período, surge dentro dos estudos da linguagem a Análise do Discurso (AD), fundada por Jean Dubois e Michel Pêcheux. O projeto inicial buscou analisar os discursos políticos, já que seus criadores eram ligados ao marxismo e à política. Assim, seus primeiros trabalhos foram o artigo *Lexicologia e análise de enunciado* publicado por Dubois e a obra *Análise Automática do Discurso* de autoria de Pêcheux (GREGOLIN, 2003). O contexto de nascimento dessa disciplina foi marcado fortemente pelo pensamento político e social da época. Nesse sentido, é importante ressaltar que:

[...] Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente, visto como uma nova facção de tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística. (FERREIRA, 2003, p. 40).

Dessa forma, a AD apresenta uma nova abordagem para os estudos da linguagem, uma vez que devido ao avanço global contínuo, demandou-se novas

propostas de estudo da língua, que fossem para além da palavra e passasse a incluir o sujeito. Diante disso, a AD que, inicialmente, se propõe a analisar os discursos políticos passa a englobar outras esferas. Nesse desenvolver evolutivo, a AD contou, além de Michel Pêcheux, com as contribuições de outros pensadores, como Michel Foucault, Bakhtin, Authier-Revuz, dentre outros.

No Brasil, a AD francesa chega nos anos 80. Seu marco se dá através dos trabalhos desenvolvidos por Eni Orlandi, que manteve a perspectiva pêcheuxtiana. (GREGOLIN, 2003). Considerando que a Análise do Discurso é um campo que está em constante movimento, é comum o surgimento de pesquisadores com olhares diferentes, dando origem a novas correntes em diferentes grupos de pesquisa no país, promovendo a ampliação deste campo. Para Gregolin (2003), a “AD Brasileira”, ainda que, inicialmente, tenha sido marcada fortemente pela AD Francesa se distingue da abordagem proposta por Pêcheux e encontra no nosso país um campo fértil para investigação, proporcionado pela análise de diferentes discursos: médico, jurídico, religioso, dentre outros. Nesse avanço das pesquisas na área, surgem, nos anos 90, os Estudos Discursivos Foucaultianos liderado por Maria do Rosário Gregolin na UNESP-Araraquara. Nesse sentido,

[...] É preciso considerar, ainda, que houve ampliação de abordagens no interior da análise do discurso que toma como referência os trabalhos do grupo pêcheuxtiano. Elas derivam da heterogeneidade teórica que constitui o projeto da “AD francesa” e que leva os trabalhos brasileiros atuais, por exemplo, a acentuarem seus diálogos com a psicanálise lacaniana e com a arqueologia foucaultiana. (GREGOLIN, 2003, p. 24)

Dessa forma, a Análise do Discurso pelo viés foucaultiano considera conceitos e definições desenvolvidos por Michel Foucault em suas obras. Os estudos desenvolvidos pelo referido autor contribuem para uma melhor compreensão acerca do sujeito. (GREGOLIN, 2016). Organizada em três fases: a arqueologia do saber, a genealogia do poder e a genealogia da ética, as discussões apresentadas por Foucault nos permitem pensar em “*quem somos hoje*” e ainda como podemos pensar e agir diferente. Assim sendo, na fase arqueológica, Foucault buscou compreender as transformações históricas dos saberes. Na genealogia do poder, o autor investigou a relação entre os saberes e poderes. Por último, na genealogia da ética, tratou acerca dos conceitos de subjetividade governamentalidade e do cuidado de si. (GREGOLIN, 2016). Desse modo, Foucault trabalha com os modos de objetivação e subjetivação dos sujeitos, que

estão ligados diretamente ou indiretamente aos saberes e poderes. Assim, os estudos foucaultianos contribuem para compreender como os sujeitos se constituem socialmente. A seguir, discutiremos sobre a noção de discurso, formação discursiva, arquivo e dispositivo midiático.

2.2 O discurso, a noção de arquivo e o dispositivo midiático

O constante avanço tecnológico que a sociedade vem vivenciando nos últimos tempos culminou em uma efervescência de informações e discursos que se propagam, sobretudo, nas mídias digitais, campo este de grande destaque. Nesse sentido, no ápice das redes sociais, a troca de informações é recorrente no cotidiano de seus usuários por possibilitar aproximação a fatos que ocorrem em diversas partes do mundo. No entanto, embora por um lado o sujeito esteja próximo a tais fatos/informes, por outro, está propício a sofrer as influências dos conteúdos que tem acesso, isso devido ao poder que as mídias possuem de influenciar, positivamente ou não seus usuários através dos discursos midiáticos. É importante destacar que:

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8-9)

Assim, compreender o discurso enquanto unidade que comporta poder e saber implica dizer que, segundo Foucault (2014, p.10), "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar." Assim sendo, é perceptível que a produção do discurso não se dá de forma neutra, uma vez que está atravessado por relações que exercem influências. O discurso é um conjunto de enunciados que se constroem historicamente por meio das relações estabelecidas entre os sujeitos que, na maioria das vezes, são atravessadas pelo exercício do poder. Desse modo, Fernandes (2005) afirma que:

[...] o discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem fala (...) dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. (...) o discurso não é a língua(gem) em si, mas

precisa dela para ter existência material e/ou real. (FERNANDES, 2005, p.12)

Dito isto, cabe aqui conceituar a formação discursiva, que com base em Foucault, na *Arqueologia do saber*, está ligada a uma espécie de sistema de dispersão que torna possível identificar as regularidades de um enunciado. Em outras palavras, um enunciado não se trata somente de um dizer, pois, é sempre atravessado por outros enunciados. Pensando nisso, Foucault busca compreender os acontecimentos discursivos, bem como suas condições de produção e emergência. Para isso, o autor busca ir além do que se é posto em um enunciado. Assim, aprofunda seus estudos com o objetivo de mostrar como os saberes se manifestam em diferentes fases históricas e ainda como estes saberes produzem transformações na sociedade. Sobre essa questão, Foucault (2008) destaca que:

[...] Ao invés de vermos alinharem-se, no grande livro mítico da história, palavras que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo. (FOUCAULT, 2008, p. 146)

Disto isto, Foucault enfatiza que a noção de arquivo não está relacionada com a soma de todos os textos de uma cultura ou de documentos relacionados a sua origem. Portanto,

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas.(FOUCAULT, 2008, p.147)

O arquivo na perspectiva descrita não é o que protege o acontecimento do enunciado conservando-o para uma utilização futura. Para Foucault (2008, p.147), “é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o sistema de sua enunciabilidade”. Desse modo, trata-se de tornar conhecido o que foi dito, sem necessariamente seguir uma linearidade, pré-definida.

Logo após a obra *Arqueologia do saber*, Michel Foucault trata de uma nova problemática, dessa vez acerca da relação saber/poder. Esse novo direcionamento de sua pesquisa, dá início a fase genealógica. Nessa perspectiva, surge a noção de dispositivo que, em linhas gerais, está relacionado com as práticas discursivas e não-discursivas e atua como uma ferramenta que ao mesmo instante que se constitui e organiza os sujeitos. Assim sendo, Foucault discute sobre o dito e o não dito, o visível e o invisível, observando as condições de produção de determinado discurso. Sobre a noção de dispositivo, Deleuze (1996) indaga:

[...] Mas o que é um dispositivo? É antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. (DELEUZE, 1996, p.1)

Para o autor, o dispositivo trata-se de um conjunto composto por quatro dimensões: as curvas de visibilidade, as curvas de enunciação, as linhas de força e as linhas de subjetivação. Nesse sentido, os discursos aparecem e reaparecem, por meio desse movimento. As curvas da visibilidade e da enunciabilidade sugerem um jogo dentro do dispositivo que ora mostra, ora oculta, entre o dizer e o não dizer, o visível e o invisível, o dito e o não dito. Já as linhas de força se constituem em formas de resistência que, juntamente, com as curvas de visibilidade e enunciabilidade promovem a produção de novas subjetividades.

Observar essas curvas e linhas que envolvem o dispositivo é essencial para compreendermos o *Instagram* como um espaço em que se diz, se mostra, mas também se oculta determinados discursos. Quando remetemos o nosso olhar para a constituição das mulheres na política, por exemplo, percebemos que há uma construção histórica circundada por um machismo estrutural que as rodeiam. Diante disso, discorreremos no próximo tópico acerca da masculinidade tóxica, refletindo sobre o lugar que as mulheres ocupam no cenário político.

2.3 A masculinidade tóxica e o espaço da mulher na sociedade

A desigualdade entre o homem e a mulher na sociedade está presente na maior parte da história dos sujeitos. A distinção entre os dois sexos não se deu de

forma oclusa, assentando-se em bases sólidas sejam elas de natureza política, econômica e/ou social.

Beauvoir (2009) ao afirmar que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” abre o caminho para discussão proposta na obra “*O segundo sexo*”, a fim de evidenciar a condição feminina. A autora mostra que não há de fato uma definição na biologia ou nas ciências econômicas, que seja capaz de configurar a posição que a figura feminina assume no espaço coletivo, privado e social. Portanto, trata-se de uma civilização mediada pelo *outrem*, uma vez que ao nascer o sujeito não possui ciência dos moldes que regulam sua existência. Assim, “enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente” (BEAUVOIR, 2009, p.307). Diante disso, a identidade dos sujeitos, bem como a forma como se portam e se enxergam ocorre no momento em que passa a ter consciência de si, sobretudo, das ações dos outros. Portanto, não há uma linha tênue que separe o feminino do masculino, logo,

Não há, durante os três ou quatro primeiros anos, diferença entre a atitude das meninas e a dos meninos; tentam todos perpetuar o estado feliz que precedeu a desmama; neles como nelas deparamos com condutas de sedução e de parada: eles desejam tanto quanto elas agradar, provocar sorrisos, ser admirados.” (BEAUVOIR, 2009, p. 309)

Assim, como expõe Beauvoir (2009), não há diferença entre os dois sexos até certa idade da fase infantil. Pouco mais tarde, ao homem é atribuído um conjunto de características pré-estabelecidas socialmente que condicionam o seu comportamento e a sua subjetividade. Dessa forma, essa conduta que lhe é imposta é assentada no senso comum e em mitos que pregam a ideia de que a figura masculina está relacionada à agressividade, comportamento esse que é tido como sinônimo de força. Desse modo, o homem que desviar desse caminho é considerado “menos homem” tornando-se objeto vulnerável e propício a ridicularização. Essas normas que regem a construção do masculino são denominadas como “masculinidade tóxica” (PAULA; ROCHA, 2019) e impõe a figura masculina um ideal de dominação. Logo, conforme Welzer-Lang (2001, p.6), “os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos”.

Assim sendo, ao homem é destinado o dever de gerenciar a casa, os negócios e a família, tornando-se o senhor que conduz e dita as ordens. Enquanto que a mulher tem como função primordial servir. A ela são destinadas as funções

que envolvem, sobretudo, o cuidado tanto no que se refere ao zelo com a casa, marido e filhos, quanto à aparência física e a moral. Desse modo, nessa hierarquia de gênero há uma relação fortemente reforçada pelo patriarcado, pela dominação e pela submissão, uma vez que se:

[...] Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminado, até em seus detalhes. Paralelamente, existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis (...) ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos (PERROT, 2017, p. 187)

A política econômica pode ser um dos principais fatores contribuintes para essa separação de gênero, já que na medida em que se define como ofício do homem manter a renda familiar e o consumo destinado ao público feminino reforça essa demarcação das posições desses sujeitos. Essa distinção entre os dois sexos se encontra imbuída de tal maneira na sociedade que quando os sujeitos invertem os papéis é tratado como uma anormalidade.

Nessa direção, Navarro (2021) em seus estudos sobre a masculinidade tóxica atenta para a questão da virilidade, que desde o princípio destina ao homem a capacidade de executar atividades externas, como por exemplo, a caça a animais e a participação em guerras civis. Enquanto isso, as mulheres ocupam um espaço inferior e desempenham tarefas do lar. Sendo assim,

A virilidade é uma das formas de manutenção e de reutilização da dominação masculina. Em termos de capacidade-comunicação poder, destaca e faz ver o sujeito viril (o visível), ao mesmo tempo em que põe em circulação discursos (o enunciável) que suportam posições de subjetividade viris para serem ocupadas por homens e por mulheres, independentemente da identidade de gênero e da orientação sexual que assumem. (NAVARRO, 2021, p.6)

A construção do masculino, constantemente, esteve ligada, na maioria das vezes, a subalternização da mulher, seja na história, na ciência, na filosofia ou na religião. Assim, nas referidas áreas é comum se deparar com a exaltação do homem a partir da inferiorização da mulher. Conforme afirma Beauvoir (2009)

Em toda parte e em qualquer época, os homens exibiram a satisfação que tiveram de se sentirem os reis da criação. "Bendito seja Deus nosso Senhor e o Senhor de todos os mundos por não me ter feito mulher", dizem os judeus nas suas preces matinais, enquanto suas esposas murmuram com resignação: "Bendito seja o Senhor que me criou segundo a sua vontade" (BEAUVOIR, 2009, p. 20).

Diante disso, percebe-se que a existência da mulher foi atravessada por questões que a insere em uma posição secundária, enquanto que o homem protagonizou a posição primária, já que a figura feminina foi ligada a um ideal de fragilidade. Portanto, as mulheres foram e continuam sendo consideradas inferiores se comparadas aos homens. Desse modo, vale ressaltar que:

A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens (...). As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse para si em face do grupo masculino, nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens (BEAUVOIR, 2009, p. 95)

Após percorrer um caminho de lutas contra o sistema social e patriarcal, as mulheres conseguiram conquistar seu espaço na sociedade, fruto das revoluções dos movimentos feministas que marcaram o final do século XIX e se perpetuam até os dias atuais. Há, certamente, ainda muito a ser alcançado, mas na contemporaneidade, as pautas centram-se na necessidade de ressignificação dos direitos já conquistados, visto que são constantemente violados. Dessa forma,

[...] Esta divisão do mundo, esta cosmogonia baseada sobre o gênero, mantém-se e é regulada por violências: violências múltiplas e varia das as quais – das violências masculinas domésticas aos estupros de guerra, passando pelas violências no trabalho – tendem a preservar os poderes que se atribuem coletivamente e individualmente os homens à custa das mulheres. (WELZER-LANG, 2001, p.8)

Portanto, as violências de gênero são formas de opressão que, conforme aponta Welzer-Lang (2001), servem para reforçar a distinção entre o sujeito masculino e o feminino. Perante essa questão, analisaremos, no capítulo seguinte, a partir de postagens do *Instagram* como as mulheres são silenciadas nos espaços de trabalho e poder, sobretudo, na política brasileira.

3 A MÍDIA DIGITAL *INSTAGRAM* E A CONJUNTURA DA MULHER NA POLÍTICA

No âmbito da expansão do espaço digital e tecnológico, os sujeitos estão cada vez mais adeptos às mídias digitais. Sabe-se que a tecnologia é uma forte aliada para a humanidade, uma vez que desempenha um papel fundamental em diversos campos, principalmente, no que se refere à troca de informações. As novas formas de comunicação promoveram um crescimento informacional significativo, isso devido às pessoas estarem a maior parte do tempo conectadas em seus aparelhos celulares consumindo, compartilhando e discutindo os mais variados temas. Nesse sentido, o *Instagram* ganha destaque popularizando-se por possuir uma dinâmica atrativa de interação com postagens e usuários em nível mundial. De modo geral, trata-se de uma plataforma interativa *online* que permite o compartilhamento de imagens e vídeos entre os outros usuários que tenham interesses similares ou não.

Assim sendo, este espaço digital passa a atuar socialmente haja vista que é por meio da interação dos sujeitos, mais precisamente das práticas discursivas que é possível compreender as transformações nas relações interpessoais. Partindo disso, as discussões que precede este capítulo, conforme dito anteriormente, têm como base os Estudos Discursivos Foucaultianos e aborda acerca dos discursos que se propagam no *Instagram* a partir dos acontecimentos sociais que evidenciam o silenciamento da mulher na política e se configura em uma violência de gênero.

Disto isto, é importante retornar ao objetivo geral da pesquisa que consiste em investigar como se constituem os discursos sobre o silenciamento da mulher na política em *postagens* do *Instagram*. Como objetivos específicos, pretendemos: a) Mapear os discursos relacionados ao silenciamento da mulher na política que circulam em *postagens* do *Instagram*; b) Identificar como os discursos machistas se manifestam e influenciam no silenciamento da mulher na política; c) Analisar como os discursos que se propagam em *postagens* do *Instagram* operam como dispositivo de denúncia de uma violência política de gênero.

Nessa direção, elencamos os seguintes tópicos de análise: i) A mulher é antes de tudo um corpo: o silenciamento da voz feminina na política institucional por meio do assédio sexual; ii) Da política à maternidade: as mulheres na mira do ódio e iii) O *Instagram* como dispositivo de denúncia da violência política de gênero. Para isso, utilizamos o total de 6 (seis) *postagens* dos perfis: *@campanhademulher* e

@paraibafeminina, sendo 5 (cinco) postagens referentes ao primeiro perfil citado e 1 (uma) do segundo. No que se refere ao critério utilizado para escolha, selecionamos as postagens referentes aos anos de 2020, 2021 e 2022 e, principalmente, as que denunciavam as diversas formas de violência política de gênero. Dentre os perfis na rede social *Instagram* que enfatizam as lutas das mulheres por condições igualitárias na política institucional brasileira, optamos pelos os que possuíam um maior engajamento e, conseqüentemente, um alcance significativo de pessoas.

O *@campanhademulher* é fruto de uma iniciativa da página Mídia Ninja⁶. O perfil conta até setembro de 2022, data da coleta dos dados, com 54.600 (cinquenta e quatro mil e seiscentos) seguidores, número esse que possui um alcance considerável através das postagens. O conteúdo abordado, conforme sugere o próprio nome, apresenta informes acerca das ações das mulheres que são parlamentares, como também campanhas de candidaturas e denúncias de casos de violência política de gênero. O perfil possui mais de 2.091 (duas mil noventa e uma) publicações que tratam a respeito da temática.

Já o perfil *@paraibafeminina* apresenta uma abordagem mais ampla, pois seu foco é a informação e o empoderamento. Nesse sentido, a conta possui postagens sobre acontecimentos sociais que não estão necessariamente ligados à condição feminina na política. De modo geral, a página tem intuito de tratar acerca dos movimentos feministas, enfatizando a luta contra a desigualdade de gênero no país. O perfil conta até setembro de 2022 com 26.200 (vinte e seis mil e duzentos) seguidores e o total de 4.703 (quatro mil setecentos e três) seguidores. Isso posto, passamos para a análise dos dados a seguir.

3.1 A mulher é antes de tudo um corpo: o silenciamento da voz feminina por meio do assédio sexual na política institucional

Em uma sociedade que por muito tempo foi tomada pela masculinidade, a participação da mulher na política, bem como a fala feminina nesses espaços de poder é um ato coletivo de coragem e ousadia. A exclusão das mulheres na política

⁶ Mídia Ninja é uma rede de comunicação livre, fundada em 2013, que possui destaque devido a militância sociopolítica e identitária. Informações obtidas através do site: <https://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 05 set. 2022.

tem raízes profundas que se desenvolveram ao longo dos séculos e que são regadas, até os dias atuais, por um machismo estrutural. Desse modo, não se sabe ao certo onde de fato inicia-se o silenciamento das mulheres na humanidade, mas ele se faz presente há muito tempo.

Partindo das questões mencionadas, as postagens destacadas a seguir, denominados como Figura 1 e 2, evidenciam como a participação feminina na política é atravessada por uma série de violências numa tentativa de silenciamento que reflete na discriminação de gênero.

Figura 1: O assédio tá ON



Fonte: *Instagram* 2022.

A postagem acima foi publicada no perfil *@paraibafeminina* no dia 31 de maio de 2022 e retrata um caso de violência sexual. O crime ocorreu no Rio Grande do Sul contra a vereadora Luirce Teixeira Paz do Partido Liberal (PL). Segundo a parlamentar, o homem teria enviado o vídeo do ato pelo *WhatsApp*.

Partindo para análise dos elementos que compõem a figura 1, temos o enunciado "*Homem se masturba, ejacula em foto de vereadora e manda vídeo para ela*", e a foto ao fundo de uma mulher. A organização do enunciado não se deu de forma aleatória, mas foram ordenadas de modo a comunicar a mensagem dos fatos. Como podemos ver, a palavra "ejacula" encontra-se tachada em vermelho,

sinalizando que se trata algo censurado, tendo a cor vermelha reforçando essa concepção.

Posto isto, é necessário retornarmos ao primeiro ponto, os sujeitos envolvidos, mais precisamente, a figura feminina enquanto parlamentar. Nesse sentido, o que se percebe é que o corpo da mulher, apesar da imagem aparecer embaçada, está sempre em evidência, posto, na maioria das vezes, como um objeto de desejo e de dominação. O corpo antecede a sua existência, fala e ações. Conforme Perrot (2005), este corpo é tido como objeto de olhares, como se estivesse disponível para o outro. O assédio, o abuso, a importunação e as variadas formas de violência sexual fez/faz parte em algum momento da vida das mulheres. Logo, não é insólito se deparar com esse tipo de situação no cenário político, uma vez que ao romper as divisões de poder regidas pelo patriarcado, que determina o espaço e a posição dos sujeitos, as mulheres são submetidas a situações de opressão e silenciamento.

A prática da violência política de gênero, elucidada na figura 1, é uma tentativa de anular a presença e a participação das mulheres em lugares de poder. Dessa forma, considerando que o discurso implica uma exterioridade à língua e encontra-se presente no social (FOUCAULT, 2008), o que é dito na postagem em análise resulta dos acontecimentos sociais que mostram como o sexo feminino está, na maioria das vezes, vinculado e subordinado ao domínio masculino, uma vez que as mulheres são, constantemente, marcadas pela ocorrência de episódios de violências.

Nessa mesma linha de pensamento, apresentamos a próxima postagem que também faz uso da mídia digital *Instagram* para dar visibilidade a questão do assédio na política. Vejamos a figura 2:

Figura 2: O assédio é sobre poder



Fonte: *Instagram* 2022.

A segunda postagem foi publicada no perfil *@campanhademulher* no dia 16 de 17 de dezembro de 2020, um dia após o fato ter ocorrido na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) com a deputada estadual Isadora Martinatti Penna do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL-SP). Durante uma sessão na referida casa plenária, a parlamentar foi vítima de assédio, praticado pelo deputado Fernando Cury. Isa Penna teve seu corpo tocado, fato mostrado pelas gravações da câmera de segurança. Partindo para análise dos elementos que constituem a Figura 2, a princípio, destacamos o seguinte enunciado “*INADMISSÍVEL Deputada Isa Penna é assediada em sessão da ALESP*”. Nele, temos um item lexical escrito em caixa alta, destacado pela cor amarelo, que evidencia uma aversão contra a atitude descrita na linha logo a baixo.

Fazendo uma breve comparação com a Figura anterior, percebe-se que os enunciados apresentam uma regularidade, tendo em vista que em ambos os casos, o corpo feminino é tomado como objeto de desejo sexual. Isso nos leva a pensar sobre que lugar o sujeito feminino ocupa na sociedade, pois as imagens que foram

gravadas denunciam a realidade que muitas mulheres vivenciam no cotidiano, mas que nem sempre vem à tona. Dessa forma, o corpo da mulher pode ser considerado como um alvo “fácil” para atitudes machistas.

Conforme se evidenciam nas postagens analisadas, as mulheres no exercício do poder público, constantemente, são silenciadas. Apesar do avanço social, afinal não se pode negar que houve transformações na sociedade, sobretudo, no que tange ao remanejamento do trabalho com inserção da mulher em determinados espaços, que até então eram ocupados apenas por homens, há um retrocesso toda vez que uma mulher é vítima dessas práticas de violência.

Desse modo, a inserção da mulher na política, não apenas com o direito ao voto, mas, principalmente, o de participar mais ativamente da política ainda ocorre de forma insatisfatória, levando em consideração os discursos que mostram as práticas de um machismo estrutural as quais o sujeito feminino é acometido. Fica claro que a mulher ainda é renegada socialmente e culturalmente. Essa opressão masculina com a aceitação feminina em posições de destaque resulta de uma masculinidade tóxica que segue os preceitos patriarcais. Portanto, a mulher, sujeito subalternizado, precisa se impor para se fazer ouvida. Diante disso, no próximo subtópico, trataremos sobre os atos de violência cometidos contra as mulheres durante o exercício da atividade política.

3.2 Da política à maternidade: as mulheres na mira do ódio

A seguir, as postagens representadas pelas Figuras 3 e 4, servirão para nortear a análise acerca das questões que envolvem a mulher-mãe em seu ofício como parlamentar. Assim sendo, veremos os discursos que colocam em evidência mais uma forma de silenciamento do sujeito feminino na política.

Figura 3: A mulher, mãe e feminista



Disponível em: <https://www.instagram.com>

A imagem 3 foi publicada no perfil *@campanhademulher* em 25 de fevereiro de 2021, período este em que a deputada Sãmia de Souza Bomfim, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL-SP), estava grávida de seu primeiro filho. É nesse contexto que surgem diversos comentários nas mídias digitais em torno da gravidez.

Ao observar os elementos que compõem a imagem acima, temos o enunciado “*Grávida, deputada Sãmia Bomfim relata ataques: “Já pode abortar”*” e a foto da parlamentar ao fundo. Primeiramente, chamamos a atenção para as palavras “*Grávida*” e “*abortar*” que aparecem no mesmo enunciado. Considerando a sentença “*Já pode abortar*” e ainda a posição que a deputada representa socialmente, percebemos os ataques apresentados em forma de “ironia” relacionados a uma das principais pautas levantadas pelos movimentos feministas: o direito de decidir sobre o próprio corpo e praticar o aborto legal, defendido por Sãmia Bomfim. Cabe ressaltar que no Brasil o aborto ainda é tratado como um tabu. Assim, a afirmação em questão reforça a visão pejorativa acerca dos movimentos por igualdade de

gênero. Diante disso, o que se percebe é que a mulher está, na maioria das vezes, sob o olhar social que a condiciona e busca dominar suas ações. Portanto, espera-se que o sujeito feminino não cometa nenhum “desvio” do destino premeditado ao ocupar determinados espaços de poder. A seguir, vemos mais uma postagem que trata sobre a questão da maternidade e a atividade política.

Figura 4: A ameaça aos filhos



Fonte: *Instagram* 2022.

A postagem acima, denominada “A ameaça aos filhos”, trata-se de um vídeo publicado em 17 de março de 2022 no perfil *@campanhademulher*. A gravação foi realizada durante o momento de fala da parlamentar Aava Santiago Aguiar, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), no lançamento da Frente Intermunicipal pelo Fim da Violência Política de Gênero⁷, no dia 14 de março de 2022. Para contextualizar o enunciado presente na postagem a ser analisada,

⁷ Frente Intermunicipal pelo Fim da Violência Política de Gênero, idealizada por Aava Santiago, tem como intuito conscientizar a população sobre a opressão que as mulheres enfrentam no Poder Público. Informações obtidas através do site: <https://diariodegoias.com.br/vereadora-cria-frente-intermunicipal-pelo-fim-da-violencia-politica-de-genero-em-goias/>. Acesso em: 06 set. 2022.

separamos um trecho da fala de Aava Santiago ao relatar o quão difícil é o percurso das mulheres para chegarem ao poder público. A deputada se emociona ao falar da violência política, sobretudo, pelo fato de ser mãe. Vejamos um trecho do vídeo:

[...] Eu fiz uma intervenção no complexo prisional e quando eu cheguei tinha uma mensagem no meu *Instagram*... sobre aquele garotinho que tá deitado ali no colo do pai dele – dizendo – quando o seu filho for assassinado você vai parar de defender bandido! (...) Porquê quando querem impedir que nós mulheres ocupemos esses espaços são as nossas crias que entram no alvo do ódio!

Diante da sequência enunciativa apresentada no vídeo e da captura de tela, destacada na figura 4, é importante destacar o seguinte enunciado “*Ameaçar nossas crias para nos intimidar também é VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO*”. O trecho destacado em caixa alta representa a indignação das mulheres diante das violências sofridas ao longo do exercício de seus mandatos. Ao ameaçarem os filhos das parlamentares, a fim de fazê-las desistirem de integrarem determinados espaços, utiliza-se a maternidade como uma arma para barrar a participação feminina na política institucional.

Portanto, as análises apresentadas a partir dos enunciados das figuras 3 e 4 mostraram como o dispositivo midiático evidencia as lutas dos sujeitos. Deleuze (1996) destaca que através das curvas de enunciação determinados discursos se tornam visíveis ou invisíveis na sociedade. Desse modo, a seguir daremos continuidade a respeito dos discursos que trazem à tona o silenciamento da mulher no poder público. Diante disso, o próximo subtópico aborda como o *Instagram* pode atuar como uma ferramenta de denúncia da violência política de gênero.

3.3 O *Instagram* como dispositivo de denúncia da violência política de gênero

A seguir analisamos duas postagens que estão representadas pelas figuras 5 e 6. Nesse subtópico, trataremos sobre a ameaça de morte como forma de silenciamento da mulher na política.

Figura 5: Na mira do ódio



Fonte: *Instagram* 2022.

A figura intitulada “*Na mira do ódio*”, foi retirada do perfil *@campanhademulher*, publicada no dia 27 de janeiro de 2022. Ao observarmos os aspectos da imagem acima, identificamos dois enunciados, sendo o primeiro “VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO”. O texto escrito em caixa alta serve para destacar o que está sendo dito. Além disso, o destaque em amarelo sinaliza um alerta, visto que, comumente, esta cor é associada a necessidade de atenção para algo. O segundo enunciado traz o seguinte: “*Deputada Isa Penna recebe ameaças de estupro e morte*”. Para uma melhor compreensão desse enunciado, cabe destacar que Isa Penna recebeu tais ameaças através de mensagens anônimas, via e-mail. É pertinente ressaltar que pouco tempo antes de receber essas mensagens, ela havia registrado queixas acerca do ocorrido na ALESP (analisado na primeira categoria a partir da figura 2).

Retornando ao enunciado presente na figura 5, notamos uma dupla violência. Ao olharmos para a mensagem e os sujeitos envolvidos, percebemos que o

remetente da mensagem de ódio utiliza o estupro e a morte como forma de amedrontá-la. Convém destacar, conforme destaca Nery (2021), que o estupro contra as mulheres era uma prática bastante aplicada nas guerras como uma forma de humilhar o inimigo ou, então, para que denunciassem os seus companheiros. Na ditadura militar, período sangrento da história do Brasil, as mulheres também eram torturadas e estupradas como uma forma de punição pelos desvios de conduta. Desse modo, percebe-se que o ódio pelas mulheres em razão do espaço que ocupam na atualidade é fruto de uma estrutura patriarcal que sustenta os discursos machistas e misóginos proliferados na sociedade.

Portanto, as mulheres ao romperem as estruturas que detêm as regras de sua existência acabam tornando-se um alvo de ódio e de várias formas de violência. Sendo assim, o enunciado apresentado na figura 5 mostra que é por meio das práticas de violência que se exerce domínio sobre o outro (WELZER-LANG, 2001). A seguir veremos mais uma postagem que circulou na rede social *Instagram* durante as campanhas eleitorais de 2022.

Figura 5: Representatividade é sobrevivência



Fonte: *Instagram* 2022.

No âmbito das eleições de 2022 no Brasil, várias notícias tem se propagado no campo midiático. Nesse sentido, uma das postagens que circulou foi a imagem acima (figura 6), publicada no dia 17 de agosto de 2022 no *@campanhademulher*. Ao observarmos o enunciado “*ELEIÇÕES 2022. Duda Salabert recebe nova ameaça de morte e começa a andar com escolta armada*”, chamamos atenção para o termo “eleições 2022” que aparece destacado em caixa alta. Duda Salabert Rosa faz parte do Partido Democrático Trabalhista (PDT). A vereadora já havia sofrido fortes ameaças de morte em 2021.

Na materialidade presente, assim como nas categorias analisadas anteriormente, o que se vê é uma tentativa de silenciamento da mulher na política. A mulher ao ocupar o espaço da política institucional enfrenta uma série de violências, que vão desde o momento da pré-candidatura até o fim do mandato político. É mediante esses acontecimentos factuais que surgem os discursos sobre o silenciamento da mulher na política. Portanto, a partir das postagens apresentadas e analisadas, podemos dizer que atuam linhas do dispositivo que envolve o saber, o poder e a subjetividade. Dessa maneira, a violência política de gênero ocorre por meio de práticas agressivas que visam controlar e exercer domínio sobre o sujeito feminino. Sendo assim, os discursos que surgem no social sobre o silenciamento da mulher no parlamento atuam no processo de subjetivação dos sujeitos, uma vez que influencia na relação que as mulheres estabelecem com a política. Portanto, estas questões podem explicar o fato de que mesmo as mulheres sendo maioria no país ainda ocupam uma estatística baixa de participação na política.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos analisar a condição feminina na política institucional brasileira a partir dos discursos que se propagam na rede social *Instagram*, que atua como instância midiática na disseminação dos acontecimentos reais que ocorrem na sociedade, sobretudo, no espaço do poder público no qual as mulheres parlamentares são submetidas a uma série de violências por causa do seu gênero. Baseando nisso, foi possível investigar como se constituem os discursos sobre o silenciamento da mulher na política. Assim sendo, nas discussões levantadas ao decorrer do estudo, foi possível evidenciar como o ofício do parlamento para o sujeito feminino é atravessado por uma estrutura machista e sólida. Para isto, analisamos as postagens selecionadas na mídia social *Instagram* nos perfis: *@campanhademulher* e *@paraibafeminina*.

Diante disso, percebe-se que as redes sociais vêm contribuindo cada vez mais para a difusão de informações, principalmente, como porta-voz das vítimas da violência política de gênero. Além disso, devido a sua significativa projeção social, os discursos que exprimem as lutas feministas ganham visibilidade. Nessa perspectiva, a partir da análise dos dados, buscou-se identificar os discursos relacionados ao silenciamento do sujeito feminino; observar como os discursos se manifestam em *postagens* do *Instagram* e, por fim, investigar como essa rede social pode atuar como um dispositivo denunciatório da violência política de gênero.

As análises mostraram as condições de desigualdade entre o sujeito homem e o sujeito mulher no campo da política. Além disso, fica claro que para que haja uma sociedade mais justa e igualitária se faz necessário modificar as estruturas que a fundamentam. Dessa maneira, o fato das mulheres serem minorias demonstra que há uma diferença significativa entre os gêneros. Além disso, os discursos analisados neste trabalho demonstram que não há de fato um acolhimento e um reconhecimento simbólico-sociocultural da figura feminina

Portanto, comprova-se que a discrepância entre o número de parlamentares do sexo masculino e feminino não está ligado a uma falta de interesse pela temática e ofício da política, mas por questões bem mais complexas que envolvem diretamente um machismo estrutural que se encontra enraizado na sociedade. A falsa ideia de democracia nesses espaços se contrapõe em relação às notícias que vemos no cotidiano, pois, na maioria das vezes, vemos os direitos das mulheres

sendo violados. Assim, torna-se evidente que independente da época em que elas se encontrem, a todo momento, são consideradas como sujeitos subalternizados, ou seja, uma voz de segunda ordem. Desse modo, diante das discussões apresentadas ao longo dessa pesquisa, esperamos ter contribuído a respeito das questões de gênero, especialmente, para a condição feminina na política. Por fim, acreditamos que o presente estudo pode trazer contribuições para que futuros trabalhos sejam desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAGA, Amanda; PIOVEZANI, Carlos. **Discursos sobre a fala feminina no Brasil contemporâneo**. Revista da ABRALIN, v. 19, n. 1, p. 1-19, 6 jan. 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1694Acesso>. Acesso em: 20 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1694>.

CORBIN, Alain. **História do silêncio**: do renascimento aos nossos dias. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

DELEUZE, Gilles. O que é o dispositivo. *In*: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Ed. Vega – Passagens, 1996, p. 83-96.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil**. Letras, PPGL-UFSM, n.27, dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 28. Reimp. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GREGOLIN, Maria Rosário. No diagrama da AD brasileira: Heterotopias de Michel Foucault. *In*: NAVARRO, Pedro (Org.). **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Claraluz, 2008a, p. 23-36.

GREGOLIN, Maria Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos**. São Carlos: Clara Luz, 2006.

NAVARRO, Pedro; CENIZ, Cássio Henrique. Práticas discursivas de desobediência e seu valor de acontecimento nas relações de poder. **Fórum Linguístico**, vol. 18, 2021.

NERY, Luciana Fernandes. **Entre os riscos e a coragem de dizer a verdade sobre si**: os discursos das sobreviventes de estupro a partir da prática da confissão no *Facebook*. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2021

PAULA, Raí Carlos Marques de; ROCHA, Fátima Niemeyer. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. **Revista Mosaico**. v. 10, n. 2, Jul/Dez, 2019, suplemento, p. 82-88.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: Dominação das mulheres e homofobia. Trad. Miriam Pillar Grossi. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 09, n. 02, 2001. p. 460-482.

Páginas Acessadas

@paraibafeminina. Figura 1: O assédio tá ON. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeOmMUpriET/>. Acesso em 06 set. 2022.

@campanhademulher. Figura 2: O assédio é sobre o poder. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CI6kFgUAY_G/. Acesso em 06 set. 2022.

@campanhademulher. Figura 3: A mulher, mãe e feminista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLu7WuiHkXM/>. Acesso em 06 set. 2022.

@campanhademulher. Figura 4: A ameaça aos filhos. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CbOLwptQ_/. Acesso em 06 set. 2022.

@campanhademulher. Figura 5: Na mira do ódio. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZUfQDIQCbQ/>. Acesso em: 06 set. 2022.

@campanhademulher. Figura 6: Representatividade é sobrevivência. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChXxTI9p2Qe/>. Acesso em: 06 set. 2022.